



"Educação como prática de Liberdade":  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10323 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT17 - Filosofia da Educação

**EDUCAÇÃO FILOSÓFICA, ESCRITA E LEITURA: UMA CONVERSAÇÃO ENTRE  
SÊNECA, FOUCAULT E O NOSSO PRESENTE**

Betina Schuler - UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

**EDUCAÇÃO FILOSÓFICA, ESCRITA E LEITURA: UMA CONVERSAÇÃO ENTRE  
SÊNECA, FOUCAULT E O NOSSO PRESENTE**

## RESUMO

Este ensaio teórico busca problematizar as relações entre a verdade e a subjetivação a partir de Sêneca e Foucault, realizando o diagnóstico de um presente que prima pela aceleração, pelo super desempenho e por uma pobreza narrativa. Para tanto, toma-se a potência de uma educação filosófica na escola por meio de práticas de leitura e escrita como possibilidade de resistência a um presente neoliberal e neoconservador que reduz tais práticas a um pragmatismo instrumental e a índices de avaliação.

Palavras-chave: escrita; leitura; subjetivação; educação filosófica; escola.

## *Introdução*

O que podem a leitura e a escrita na escola para aprendermos não doutrinas, mas modos de existência? Vivemos ataques paradoxais quanto à leitura e à escrita na escola no presente. Ora são tachadas de inúteis, obsoletas, ora são acusadas de serem perigosas à constituição das infâncias – e isso em meio a todo um léxico empresarial que reduz essas práticas a ferramentas utilitaristas, a serviço de uma aplicação pragmática.

Com o deslocamento para o capitalismo contemporâneo, as linguagens da produção tomam força, embasando como, por que e para que se lê e escreve na escola, a partir de uma pragmática instrumental e do monitoramento de indicadores. Será que, paradoxalmente, a escola ainda não poderia ser um espaço de resistência e de possibilidade de suspensão desses modos usuais de comunicação e expressão que tomam os espaços públicos?

Em tempos em que a leitura e a escrita vêm sendo assumidas naturalmente sob a perspectiva da avaliação, perguntar pela formação humana parece inaudível, e, por isso, talvez a força dessa questão junto às escolas para ainda exercermos o poder da problematização. Neste presente neoliberal e neoconservador, a resposta do capitalismo sobre os modos de vida opera a partir da lógica de um “comércio de vidas”, em que cada pessoa

consome o que lhe convém. Mas o que poderiam a escrita e a leitura, tomadas pela perspectiva de uma educação filosófica na escola, na problematização dessa *stultitia* contemporânea, que cultua a espetacularização da vida em redes sociais, a aceleração, o super desempenho e a concorrência com os demais e consigo mesmo? Como podemos passar tanto tempo dentro das escolas, lendo e escrevendo, e essas práticas não produzirem nada em nós? Como, o que e por que as crianças e jovens estão lendo isso, e não outras coisas? Como a resistência à barbárie dos nossos tempos e a busca por certa dignidade humana poderiam passar por essas práticas como um cuidado específico com a vida?

*Conversações entre Sêneca e Foucault: possibilidades de uma educação filosófica na escola*

Sloterdijk (2018) vai trazer a potência da filosofia como longas cartas escritas para amigos, talvez ainda nem nascidos. Veem-se as cartas de Sêneca a Lucílio como cartas endereçadas mais uma vez a nós, para tomarmos este presente, quando o filósofo nos convoca a pensar na formação humana, nos modos de servidão do nosso tempo, e nos deixa importantes pistas sobre a potência das práticas de escrita e leitura como motor de ação ética e política.

Da mesma forma, faz-se necessário interrogar sobre a relação do sujeito com a verdade. Foucault (2011), no curso *A Hermenêutica do Sujeito*, discorre sobre três movimentos do cuidado de si. O primeiro movimento é o socrático-platônico, cuja finalidade seria superar uma pedagogia ruim e atingir o governo da cidade, em que conhecemos por rememoração e nos preparamos para um futuro, conforme a popularização desse pensamento pelo cristianismo, em que renunciamos a nós mesmos em nome de valores superiores. Já se destaca aqui, porém, a importância do diálogo e da figura do mestre. O segundo movimento, chamado por Foucault de “a era de ouro do cuidado de si”, será operado principalmente nos dois primeiros séculos de nossa era e exigirá todo um trabalho sobre si mesmo na constituição de um corpo, em que o fim último será a criação de uma bela existência. Esse funcionamento não pressupõe um sujeito interno de conhecimento e uma consciência dada. Pelo contrário, há uma constante necessidade de exercício sobre si atravessada pela relação com o mestre na problematização dos valores vigentes, a exemplo de Sêneca, buscando diminuir a escravidão dos outros e a escravidão que exercemos sobre nós mesmos. Nessa perspectiva, ainda segundo Sêneca (2018), úteis são os saberes que transformam a existência; portanto, não é possível acessar a verdade sem se transformar. Essa relação consigo e com os saberes, Foucault chamará de Meditação, a partir da descrição dos funcionamentos das filosofias epicuristas, cínicas e estoicas. O terceiro movimento, por sua vez, marcado pela perspectiva cartesiana, denunciará o cuidado de si como egoísmo e como impeditivo de uma moral coletiva, discurso esse que vem se fortalecendo desde a ascensão do cristianismo. Conforme essa lógica racionalista, é possível conhecer, acessar a verdade, sem necessariamente se transformar – e Foucault marcará essa relação consigo e com os saberes como Método.

Tomam-se esses estudos para pensar o presente, perguntando-se sobre a relação consigo e com os saberes, atravessada, especificamente, pelas práticas da leitura e da escrita na escola, quando estão fortemente vinculadas com a performance nas avaliações em larga escala, que colocam as crianças para competir com os outros e consigo mesmas nesta sociedade do super desempenho. Os alunos tornam-se, pois, usuários midiáticos, e professores são transformados em entretenimento para o prazer daqueles, em práticas que enfatizam a conectividade, a aceleração e a dispersão.

Entende-se, então, que a relação entre o sujeito e a verdade, em se tratando das práticas de leitura e escrita, no presente, opera outro deslocamento a partir da ênfase no “*desempenhe-te a ti*” mesmo nessa *stultitia* contemporânea, em que o conhecimento se reduz

à objeto de troca e medição. Desse modo, temos o enfraquecimento das políticas públicas, podendo-se apontar a extinção do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), maior programa de fomento à leitura em termos temporais e de aporte financeiro, em 2017; o crescimento de práticas de leitura pautadas por plataformas, como o Elefante Letrado, que gamificam a leitura literária a partir de textos pobres em se tratando de narrativa, focando na acumulação de pontos e na lógica do desempenho; a maior pesquisa sobre leitura do Brasil, “Retratos da Leitura no Brasil”, produzida pelo Instituto Pró-Livro, vem fazendo parcerias com instituições financeiras desde o ano passado, pautando a leitura nas avaliações de larga escala; e o atual Plano Nacional de Alfabetização, aqui enfocando o Programa Conta para Mim, de 2019, que desloca as práticas para o espaço privado das famílias, usando livros somente digitais (até agora) e modificando os contos de fadas em nome de certa moralidade. Pode-se, a partir disso, sintomatologizar as relações entre a verdade e a subjetivação por meio das práticas de leitura e escrita na escola, agora funcionando fortemente mediante um entupimento de opiniões a serem performadas.

Assim, opta-se por perguntar pela finalidade da escrita e da leitura na escola, a partir de uma educação filosófica, como possíveis operadoras de alguma constituição de si. O que poderiam uma leitura e uma escrita mais filosóficas na escola que colocam outras perguntas na constituição das infâncias, servindo-se da linguagem para ampliar a envergadura de si e do mundo nessa coletividade que é a sala de aula, nessa conversação que pode se dar entre os mortos e os vivos no encontro com os textos?

A filosofia não é aqui tomada como uma disciplina a ser ensinada para as crianças e jovens, mas como uma possibilidade de pensarmos coletivamente, na escola, o nosso contemporâneo, o que nos passa, como nos relacionamos conosco e com os demais. Um modo de enfrentamento a essa *stultitia* contemporânea para fazer algo durar, deixar marcas, justamente para nos movermos, como um modo de resistência e como uma atividade crítica em relação a si mesmo, aos outros, ao seu mundo cultural (FOUCAULT, 2011; SÊNECA, 2018). Entende-se, portanto, uma educação filosófica na escola na produção da amizade intelectual e afetiva, por meio da leitura e da escrita, pela palavra do outro, como uma forma de equipagem de si, como resistência às barbáries da necropolítica do nosso tempo.

Isso não significa buscar em outras épocas as respostas para uma problemática dos nossos tempos, mas pegar emprestadas algumas ferramentas conceituais de Sêneca e Foucault para interrogar pelo presente. Significa tomá-las para as lutas sociais contemporâneas para pensar a formação humana e o perigo do espetáculo quando todos querem ser espetáculo, considerando este presente de esmaecimento da figura do professor, de dispersão hiperconectada e de pobreza narrativa.

A força com a qual Foucault (2011) busca o conceito do cuidado de si em Sêneca ajuda-nos no diagnóstico do presente, quando as práticas de leitura e escrita são vistas meramente por seu caráter instrumental e de registro, precisando ser imediatamente aplicáveis de forma pragmática. Sêneca já nos alertava do perigo de uma educação apenas com muita assimilação de informação, sem que se seja educado nesse processo, uma vez que somente acessaria a verdade quem se modifica por meio dela. Daí a potência do pensamento de Sêneca para uma educação filosófica na escola entendida como problematização dos nossos modos de escravidão, equipando-nos de saberes necessários para realizarmo-nos e participarmos da vida pública.

A obra *Cartas a Lucílio* (SÊNECA, 2018) oferece-nos pistas importantes e mostra algumas regularidades que podem ser tidas como ferramentas conceituais potentes para pensarmos em como tomar a leitura e a escrita na escola na dimensão de uma educação filosófica: munir-se de um arsenal de máximas; repelir a “eloquência balofa”, o ruído, a

tagarelice; perguntar sobre a intencionalidade pedagógica, indo além do repasse de informações e tendo em vista como as questões implicam a formação moral; paradoxo entre fazer algo durar e a necessidade do deslocamento para sair do estado de *stultitia*; a sabedoria não se trata de inspiração, mas de trabalho e exercício sobre si, estudo e partilha com o outro; ensino e aprendizagem estão vinculados mais à transfiguração do que à correção; necessidade das pausas e da desaceleração para pensar, falar, ler e escrever; aprender em comunidade; ler e escrever para aprender a viver e a morrer; aprender como uma viagem com riscos; ensinar como quem atira sementes; a potência do ócio estudioso; o mestre que dá testemunhos de uma vida.

Daí a possibilidade e a necessidade de termos a leitura e a escrita na escola como práticas possíveis do cuidado, de fortalecimento da figura do professor como a referência que apresenta textos aos mais novos, que lhes mostra os grandes mestres, não na perspectiva de desenvolver habilidades e competências instrumentais, mas para que fiquemos atentos às barbáries do nosso tempo, a serem problematizadas, tais como nosso presente pandêmico, que no Brasil se desdobra em uma necropolítica, aprofundando desigualdades. Trata-se de um exercício de criação de problemas para conjecturar pensamento e cultura, e não uma empresa que busca o entretenimento e as simples aptidões técnicas de registrar e comunicar.

É preciso considerar uma educação filosófica para experimentarmos a escola como um tempo-espço de transmitir todo um repertório cultural aos recém-chegados e, ao mesmo tempo, produzir outros sentidos e possibilidades a partir disso. Trata-se aqui, pois, do saber tanto como um exercício de transmissão e acumulação, quanto como um exercício de pensamento vinculado com o acontecimento, com o sentido e com a problematização (LÓPEZ, 2008). Isso exige um tipo de responsabilidade pedagógica radical, uma temporalidade outra e a pergunta pelas relações entre a verdade e os modos de subjetivação neste tempo que nos coube viver. Tempo esse de aceleração dos processos de interpretação, que forçam os estudantes a detectar e interpretar signos de forma rápida, pouco deixando para o exercício do pensamento e para a composição (que se difere da conexão), como essa forma compartilhada de respirar outras coisas (BERARDI, 2020).

### *Considerações finais*

A operação mais filosófica com a leitura e escrita na escola estaria fortemente implicada na constituição de uma educação mais democrática. Entendemos a potência dessas práticas como acesso a um patrimônio cultural que é direito de todos e, ao mesmo tempo, como uma equipagem para resistir a processos de precarização tão fortes no nosso presente; para pensar mais criticamente nosso tempo; para encontrarmos palavras inéditas; para confrontarmos-nos com nós mesmos e com os outros; e para inventar nosso lugar no mundo, indo além do uso meramente utilitário da linguagem. Por isso, ler e escrever na escola poderiam ser experimentados como esse lugar do entre: entre a nossa intimidade e o compartilhar com o outro; entre o lembrar e o criar; entre o esquecer e o problematizar – como vestígios que vamos lendo e escrevendo a partir da pegada de outros, que, como apontava Sêneca (2018), não são nossos donos, mas nossos guias.

Talvez, ensinar outro modo de ler, escrever, contar, escutar, possa implicar outros modos de pensar e de existir. Como diz Sêneca (2018), lemos para recolher e dispor, para que não nos contentemos com nós mesmos – e, em tempos de elogio à opinião, esse já seria um importante movimento.

Tem-se, portanto, a ideia da composição de um pensamento pedagógico tomando de empréstimo os conceitos de cuidado de si e as práticas de leitura e escrita em Sêneca e

Foucault, não para convertê-las em um método, mas em um movimento de sintomatologização do presente, inventando outros encontros entre professores, alunos, escolas e textos a partir de uma educação filosófica. Ler e escrever na escola poderia, pois, implicar uma aprendizagem de certa atenção, em que nos ocupamos de nós e dos outros, em uma posição de escuta, de problematização aos modos de governo na constituição de uma vida mais afirmativa.

## REFERÊNCIAS

BERARDI, Franco. **Asfixia**: capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem. Traduzido por Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2020, 256pp.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

LÓPEZ, Maximiliano Valério. **Acontecimento e experiência no trabalho filosófico com crianças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (Educação: Experiência e Sentido).

SENECA, Lúcio Aneu. **Cartas a Lucílio**. 6º ed. Trad. de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2018.

SLOTEDIJK, Peter. **Regras para o parque humano**: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo. Trad. de José Oscar de Almeida Marques. 4º ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2018.